



Empatia e aprendizagem biográfica: contribuições para percursos formativos educativos

Empathy and biographical learning: contributions to educational training courses

Claudete Beise Ulrich

Docente no PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória

Sandra Vidal Nogueira

Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul

Lucimary Leiria Fraga

Doutoranda em Direitos Humanos na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI/RS

Resumo: O presente artigo busca subsidiar percursos formativos no campo da Educação e afins tendo como fundamento o conceito de empatia e de aprendizagem biográfica, tendo como objetivo a superação do fenômeno da violência escolar. Optou-se por desenvolver o referido estudo revisitando, inicialmente, o pensamento sobre empatia de Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) e avançando, de modo propositivo, na interface existente com a noção contemporânea de aprendizagem biográfica, objetivando a ampliação da capacidade empática da atuação docente. Trata-se de abordar uma questão fundamental na agenda de promoção do rendimento escolar: a responsabilidade objetiva que se tem na construção da cultura vivencial de um Eu alheio. A aprendizagem biográfica nos espaços escolares potencializa a escuta, o diálogo, a participação e o pertencimento social, desenvolvendo, assim, ações e relações empáticas.

Palavras-chaves: Empatia. Violência escolar. Aprendizagem Biográfica. Epistemologia Curricular

Abstract: This article seeks to support training paths in the field of Education and the like, based on the concept of empathy and biographical learning, with the aim of overcoming the phenomenon of school violence. We chose to develop this study by initially revisiting the thoughts on empathy of Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) and advancing, in a purposeful way, the existing interface with the contemporary notion of biographical learning, aiming to expand the empathic capacity of action teacher. It is about addressing a fundamental issue in the agenda for promoting academic performance: the objective responsibility one has in building the experiential culture of an alien Self. Biographical learning in school spaces enhances

Recebido em: 20 mai. 2024 - Aprovado em: 14 jun. 2024.

listening, dialogue, participation and social belonging, thus developing empathetic actions and relationships.

Key words: Empathy. School violence. Curricular epistemology. Biographical learning.

Introdução

Os tempos líquidos, explicitado por Zygmund Bauman² aceleram relações assimétricas e processos descontínuos nas relações humanas e comunitárias. O aumento das atitudes agressivas e dos comportamentos hostis acaba sendo um fenômeno de difícil abordagem e tratamento. Estas realidades se manifestam por meio da intolerância, da discriminação, da indiferença, dos abusos, da corrupção, das perversidades, da procrastinação, da violência, de assassinatos e feminicídios. Se, por um lado, há o clamor pela cotidianidade com maior sentido e menos disfuncionalidades, por outro, exacerbam ausências de interesse pelo semelhante. Emerge neste contexto, um fenômeno importante, ou seja, a falta ou déficit de *empatia*, que acarreta prejuízos em todas as fases da vida, desencadeando problemas de toda ordem nas famílias, nas amizades, nos estudos e na profissão.

Personalidades antissociais e violentas atuam de maneira disfuncional apresentando lacunas significativas na capacidade empática. A literatura especializada em várias áreas de conhecimento aponta para isto. São pessoas muito habilidosas na leitura mental do semelhante, no entanto, a mesma é dissociada da experiência genuína de sentimentos congruentes com a vida do Outro/da Outras. Elas exercem o controle de coletivos com maestrias, porém não são capazes de expressar compaixão e simpatia pela outra pessoa. Manipuladores em essência e autodestrutivos em potencial, negam quaisquer situações que não estejam num dado padrão por elas idealizado.

Trata-se de abordar uma questão fundamental na agenda avançada de promoção do rendimento escolar, focalizando a responsabilidade objetiva que se tem na construção da cultura vivencial de um Eu alheio. Diz respeito também ao uso de uma teoria crítica capaz de superar a noção subjetiva de dignidade humana pautada, exclusivamente, na garantia de direitos (de modo universal e individualista) e promover epistemologias curriculares mais relacionais e de reconhecimento das diferenças.

Nessa perspectiva, o presente artigo pretende subsidiar percursos formativos e estudos investigativos sobre o conceito de *empatia*, analisado sob a ótica de contributo pedagógico às ações de combate à violência³ escolar. Optou-se, desta maneira, por

² BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos* Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

³ KRUG, Etienne G; DAHLBERG, Linda L.; MERCY, James A., ZWI, Anthony B.; LOZANO, Rafael. *World report on violence and health*: Geneva: World Health Organization, 2002. p. 5. A Organização Mundial da Saúde, em definiu violência como “The intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, maldevelopment or deprivation.” Tradução “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, outra

realizar a tarefa revisitando o pensamento de Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) sobre o tema da empatia e sua interface com a noção de aprendizagem biográfica⁴. Parte-se do pressuposto que a violência ocorre, com características similares, no seio de outros coletivos, como as instituições familiares e de modo crescente, chegando aos contextos extremos, que são os crimes de feminicídio, por exemplo. Afora isso, há de se considerar que os cenários de violência não estão relacionados somente à noção de exclusão social. Esclarecendo melhor, as desigualdades sociais são insuficientes para explicar o fenômeno da violência na escola.

1 O ato empático como fundante do reconhecimento e validação dos/as outros/as

O uso moderno do termo *empatia*⁵ tem sua matriz no filósofo alemão Robert Visser (1847-1933), quando ele, no ano de 1873, criou o termo *emfühlung*⁶, significando um meio de conhecer melhor as pessoas, aproximando-se dos fatos e das situações. No entanto, quem tornou o termo conhecido foi filósofo e psicólogo Theodor Lipps (1851-1914). Para Lipps, *empatia* é um “instinto natural” de modo que nascemos com ela.⁷ Na linha de pensamento de Lipps, Frans de Waal pontua que

A empatia faz parte da nossa evolução. E não se trata de um comportamento recente, mas de uma capacidade inata e muito antiga. Valendo-se de sua sensibilidade automática para as expressões faciais, corporais e vocais, os humanos empatizam desde o primeiro dia de vida.⁸

A expressão *emfühlung* no final do século XIX e início do século XX fazia parte dos círculos filosóficos alemães e era concebida como uma categoria importante na

pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação”.

⁴ Nesse sentido, o estudo realizado vincula-se a Linha de Pesquisa “Direito e multiculturalismo”, possuindo interfaces também com a Linha de Pesquisa “Políticas de Cidadania e Resolução de Conflitos”, ambas do Programa de Pós-Graduação em Direito da URI/Santo Ângelo/RS e também com o grupo de pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos e Educação da Faculdade Unida de Vitória-ES.

⁵ A definição etimológica de empatia foi retirada do ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Disponível em:

http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=pathos&searchmode=none.

Acesso em: 17 maio 2024. Tradução nossa.

⁶ “Esta palavra alemã utilizada por Husserl (*emfühlung*) é composta por três partes, o núcleo *fühl* significa “sentir”. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fühl* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa sofrer e estar perto. A palavra *empatia* é uma tentativa de tradução para sentir com o/a outro/a. Uma outra tradução poderia ser entropatia.” Segundo BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 64.

⁷ DO VALE, Pâmella Rwany Batista Ribeiro. *Condições de possibilidades de uma educação empática a partir de Edith Stein: uma experiência com crianças do ensino fundamental I*. Trabalho de Conclusão em Filosofia. São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 2019. p. 11.

⁸ DE WAAL, Frans. *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. Rejane Rubino (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 289.

estética filosófica.⁹ A *empatia (einfühlung)*, por sua vez, sempre esteve presente na Psicanálise. Freud (1856-1939), desde o início de seus trabalhos, já utilizava o conceito de “escuta empática”, valorizando certos elementos da vida interna do analista tais como: lembranças, vínculos, imagens e palavras. Para Gilberto de Araujo Guimarães

Freud conhecia e admirava a obra do filósofo Lipps. Utilizou muitas vezes, em vários de seus textos, a palavra e o conceito de Empatia - *Einfühlung* com o mesmo enfoque que Lipps o fazia. Em 1898, Freud admitiu isso em suas cartas a seu amigo, e confidente, o médico Wilhelm Fliess, de maneira explícita, ao escrever que "Eu encontrei a substância das minhas ideias em Lipps, talvez um pouco mais do que eu gostaria". Freud reconheceu o livro de Lipps “Comichão e Humor” como o "livro (...) que me deu a coragem para empreender essa tentativa, bem como a possibilidade de fazê-lo". No livro “Chistes e sua relação com o inconsciente”, apareciam muitas referências à empatia.¹⁰

Enquanto fundamento histórico e moral do arcabouço teórico do campo de estudos sobre Direitos Humanos, a noção de *empatia* possui alicerces no reconhecimento das incompletudes mútuas, destinando-se a efetivar diálogos interculturais. Em termos metodológicos, expressa possibilidades emancipatórias, aliadas às exigências sociais e cognitivas de uma hermenêutica diatópica, segundo Ramon Panikkar¹¹ e Boaventura de Souza Santos.¹² Noutras palavras: se estrutura na assertiva de que não se pode entender as construções de uma dada cultura, a partir *do topos* de outras, como salienta Pannikar

[...] a distância a ser superada não é apenas temporal como na hermenêutica diacrônica, dentro de uma ampla tradição, mas é uma fenda existente entre dois (lugares humanos de compreensão e auto compreensão, entre duas – ou mais – culturas que não desenvolveram seus padrões de inteligibilidade ou seus axiomas básicos a partir tradições históricas compartilhadas ou através de influência mútua.¹³

O conceito de *empatia (einfühlung)*, à luz da atual visão filosófica, descreve a capacidade de tomar consciência de outras pessoas e de que se está inserido em uma comunidade, numa sociedade. Danilo Souza Ferreira, refletindo sobre a concepção de Edmund Husserl, salienta que

⁹ DO VALE, 2019, P. 11. O pensamento de Lipps inspirou toda uma geração de pensadores como Husserl, Dilthey, Weber, Stein, Freud e Ferenczi.

¹⁰ GUIMARÃES, Gilberto de Araujo. *Empatia e intersubjetividade: um contraponto conceitual entre psicanálise e Fenomenologia*. São Paulo: Faculdade de São Bento. Dissertação de Mestrado, 2014. p. 36.

¹¹ PANIKKAR, Raimon. *Myth, faith and hermeneutics – Cross-cultural studies*. New York: Paulist Press, 1979.

¹² SANTOS, Boaventura Souza. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, Boaventura Souza (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹³ PANIKKAR, 1979. p. 9. Tradução nossa.

Durante essa compreensão, na qual o sujeito (ego) toma consciência de outro sujeito, percebe-se a sua corporeidade própria em relação ao outro, e, diante deste fenômeno, temos a empatia (Einfühlung), ou seja, o sujeito se abre através da consciência para o “mundo da vida”, para os sujeitos e objetos que o compõe [...] ¹⁴

O ato empático representa uma forma acurada de percepção nos campos cognitivo, psicofísico/afetivo e espiritual/comportamento, a saber: as emoções, os sentimentos, as sensações emotivas e os sentimentos de caráter sensível, para que as pessoas possam ser reconhecidas e validadas. Há, pois, nesse contorno três dimensões imbricadas. A primeira - cognitiva, relacionada à capacidade de compreender o ponto de vista do/a Outro/a, suas expressões e as formas como cada qual reage às circunstâncias postas. A segunda - afetiva, vinculada à habilidade de experimentar e compartilhar reações emocionais do/a Outro/a, com certo distanciamento e a terceira - comportamental, a partir do entendimento sobre o estado do/a Outro/a e pela expressão de respeito e consideração aos seus sentimentos e pensamentos.

Dentre as várias habilidades sociais e competências emocionais constituídas ao longo da vida, a *empatia* se destaca como sendo uma competência e habilidade básica no convívio social, no mundo da vida. Corresponde a um fenômeno multifacetado, o qual compreende a presença de componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. Além disso está relacionada aos fatores biológicos, sociais e culturais, assim como ao conjunto de características individuais e variáveis sociodemográficas intervenientes, como por exemplo: sexo, gênero, idade, número de irmãos e filhos, escolaridade, motivações pessoais, crenças e objetivos, nível de poder aquisitivo e profissão, além da capacidade de autorregulação individual. De acordo com De Waal

[...] Somos interligados aos nossos semelhantes, tanto do ponto de vista corporal quanto do ponto de vista emocional. [...] É precisamente aí que começam a empatia e a solidariedade – e não nas regiões superiores do pensamento ou na capacidade de reconstruir conscientemente o que sentiríamos se estivéssemos na situação do outro. A empatia começou de uma forma muito simples, com a sincronização dos corpos – correndo quando os outros correm, rindo quando os outros riem, chorando quando os outros choram e bocejando quando os outros bocejam. ¹⁵

Nesse sentido, o grau de *empatia* depende dos níveis de funcionalidade das interações social, os quais incluem: entendimento do/a Outro/a, partilha de emoções, gestos de compaixão, atitudes solidárias, expressões de consciência histórica e autoconsciência. E, ainda, relaciona-se com a capacidade de solucionar problemas, lidar com conflitos e frustrações, superando impasses e ampliando a satisfação e o uso

¹⁴ FERREIRA, Danilo Souza. *Empatia: uma História intelectual de Edith Stein 1891-1942*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. Dissertação de Mestrado, 2018. p. 60.

¹⁵ DE WALL, 2010, p. 75.

de princípios éticos, além é claro, de expor visões de mundo com sensibilidade e respeito às pessoas empobrecidas e à natureza, como apontado por Claudete Beise Ulrich e Abdruschin Schaeffer Rocha em sua reflexão sobre *Pathos e Cuidado: Irmã Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação*.¹⁶

A disponibilidade para vislumbrar que não há verdades absolutas, ganha relevo no ato empático e se traduz na habilidade, aprendida/desenvolvida, de estabelecer vínculos cognitivos e afetivos de sensibilização com a experiência do/a Outro/a. Seu contraponto, contudo, é a existência de personalidades com fortes traços de *alexitimia*¹⁷. Há de se considerar, desse modo, que o conceito de *empatia* se constitui num constructo multifuncional e elemento basilar da inteligência muito importante. Arelado ao desenvolvimento da maturidade emocional e da capacidade de convívio em sociedade, envolve elementos, tais como: observação, memória, conhecimento e pensamento, que se combinam para fornecer *insights* sobre ideias e sentimentos das outras pessoas. Em face de sua riqueza conceitual e o sentido interdisciplinar por excelência, o tema da *empatia* tem despertado atenção em vários campos de conhecimentos, além da Filosofia, como por exemplo da Psicologia e da Neurociência¹⁸. Neste artigo, a opção é de aprofundar sua significação à luz do itinerário Edith Theresa Hedwing Stein.

2 O tema da empatia no itinerário steiniano

Edith Theresa Hedwing Stein nasceu em 12 de outubro de 1891, em Breslau¹⁹ e viveu junto de sua família até os 21 anos de idade, em Breslau, Região da Prússia,

¹⁶ ULRICH, Claudete Beise; ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. Reflexus - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, Espírito Santo, n.21, p. 37-64, 2019.

¹⁷ O termo *alexitimia* significa a dificuldade em expressar os sentimentos, de identificar e expressar emoções.

¹⁸ ALONSO, Aristides. Os neurônios espelho e a mente espelho na nova psicanálise. *Tranz – revista de estudos transitivos do contemporâneo*. edição 2 dezembro 2007, p.1-38. Veja na página 2. “Boas notícias para a psicanálise e os estudos da mente. Trata-se de uma das descobertas mais importantes das neurociências: os neurônios-espelho. Espalhados por áreas fundamentais do cérebro, esses neurônios são responsáveis pela aprendizagem de atividades como sorrir, conversar, caminhar ou tocar piano. Em sua forma mais elementar, significa que imitamos mentalmente uma ação observada, entendendo empaticamente as intenções e o significado das ações realizadas pelos outros. Isto sugere uma base biológica para a dinâmica de aquisição da linguagem, para a complexa rede de trocas da cultura e para as patologias psicossociais em suas variadas formas. Os neurocientistas que os descobriram são Giacomo Rizzolatti (1937-), Vittorio Gallese (1959-), Luciano Fadiga (1961-) e Leonardo Fogassi (1958-) da Universidade de Parma, na Itália. Para alguns cientistas, como Vilayanur S. Ramachandran (1951-), da Universidade da Califórnia em San Diego, os neurônios-espelho farão pela psicologia o que o DNA fez pela biologia: um sistema de referências unificador capaz de explicar o funcionamento de nossa mente. Daí ele concluir, por exemplo, que podemos compreender como os seres humanos deram “um grande salto à frente” (“the great leap forward”) cerca de 50 mil anos atrás, quando adquiriram novas habilidades que tornaram possível a cultura humana (uso das línguas e das ferramentas).”

¹⁹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 137. “A todo sujeto en el que aprehendo empáticamente una captación de valor lo considero como una persona cuyas vivencias se asocian en una totalidad inteligible de sentido”. Tradução nossa.

situada na Planície Silesiana na confluência do Rio Oder com o Ohle.²⁰ De origem judia e última filha de onze irmãos foi a segunda mulher a defender uma tese de doutorado em Filosofia na Alemanha e uma das dez primeiras doutoras daquele país.²¹

No ano de 1922 converteu-se ao catolicismo. Ingressou no Carmelo em 1933 e fez os votos definitivos em 1938. Aos 51 anos, em 1942, Edith faleceu no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Em 11 de outubro de 1998 foi canonizada pelo Papa João Paulo II²², como Santa Teresa Benedita da Cruz²³. A influência de seu pensamento é reconhecida no mundo ocidental e cristão. Inspirou o Papa João Paulo II na promulgação de documentos pontifícios²⁴.

O itinerário filosófico Steiniano representa um clássico no conjunto dos estudos que focalizam o tema da *empatia*, sendo ainda, pouco divulgado na literatura especializada da Área da Educação e afins no Brasil e na América Latina. Sua tese doutoral, intitulada “*Sobre o problema da empatia*”²⁵, foi orientada por Husserl na Universidade de Gottingen, Alemanha, escrita e publicada entre os anos de 1916 e 1917. Posteriormente em 1925 publicou um ensaio, intitulado “*Uma pesquisa sobre o Estado*”²⁶. Stein atuou como assistente de Edmund Husserl, criador da

²⁰ FERREIRA, 2018, p. 15-21.

²¹ FERREIRA, 2018, p. 49.

²² STEIN, Edith. 11 de Outubro de 2018 20 anos de Canonização. [Online].

²³ No dia 1 de outubro de 1999, o Papa João Paulo II, numa carta apostólica em forma de *motu proprio* intitulado «*Spes aedificandi*», proclamou Santa Teresa Benedita da Cruz, juntamente com Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena, copadroeira da Europa pelo particular contributo cristão que outorgou não só à Igreja Católica, mas especialmente à mesma sociedade europeia através do seu pensamento filosófico. A sua celebração litúrgica, na forma de festa, na Igreja Católica, é no dia 9 de agosto. O Papa João Paulo II definiu Edith Stein como “*judia, filósofa, carmelita, mártir, que traz em sua intensa vida uma síntese dramática de nosso século*”. Veja em: MARTINS, Antonio C. C.; FIGUEIREDO, Maria Antonia.P. C. (org.) Papa João Paulo II- Primeira Homília- Festa da Beatificação, 1 de maio de 1987, in Em nome de Deus, em nome da Igreja, em nome da Humanidade, textos extraídos do *Jornal L'Osservatore Romano*, Bauru, Coleção Essência, EDUSC,1998.

²⁴ SILVA, Luis Carlos Carvalho. *A empatia e o diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein*. Juiz de Fora.: UFJF, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Dissertação de Mestrado. 2013. p. 172. “*É possível uma conexão entre as obras (...) de Stein com as encíclicas diretamente voltadas para a Doutrina Social da Igreja, como se percebe nas três Encíclicas promulgadas por João Paulo II, sobre a Doutrina Social da Igreja: Laborem Excercens (LE), em 1981; Sollicitudo Rei Socialis (SRS), em 1987 e Centesimus Annus (CA), em 1991.*”

²⁵ STEIN, Edith. 11 de outubro de 2018 20 anos de Canonização. p. 2.

²⁶ FERREIRA, 2018, p. 07. “Os estudiosos na obra de Edith Stein costumam explicitar que a sua produção filosófica se divide em três períodos, que nos auxiliam a compreender a coerência e a continuidade existente entre a biografia da autora é a sua produção intelectual. A primeira fase pode ser caracterizada como o período fenomenológico, que se estende desde sua tese de doutorado em Göttingen, em 1916, até a sua conversão ao catolicismo em 1922; a segunda fase começa em 1922 e vai até a sua passagem pelo convento do Carmelo, em Colônia, onde o foco de estudo central foi a relação entre a pessoa humana e a sociedade *através do caráter* pedagógico-antropológico; e a terceira fase que começou em 1938 a 1942, esta fase é conhecida pelos escritos eminentemente místicos com o enfoque do diálogo entre a filosofia de São Tomás de Aquino e a fenomenologia Husserliana.”

fenomenologia²⁷. Ela procurou ser professora universitária, mas todos os seus pedidos lhe foram negados pelo fato de ser mulher.²⁸

O pensamento de Stein é influenciado por seu orientador Edmund Husserl, sendo que para ambos a constituição da *capacidade empática* na pessoa possui uma dupla dimensão. A primeira delas diz respeito a formação interior do sujeito (ego) por meio da consciência e corporeidade. A segunda, trata da formação exterior, as vivências advindas da reciprocidade e refletidas na vida em comunidades.²⁹ Ressalta-se aqui a ideia da existência humana e sua materialidade social. Nesse sentido a Obra de Stein aprofunda o tema que Husserl havia estudado sobre o sujeito em suas relações intersubjetivas, a partir da noção de *empatia*.

No seu curso sobre a natureza e o espírito, Husserl havia falado de que um mundo objetivo exterior só podia ser experimentado intersubjetivamente, isto é, por uma pluralidade de indivíduos cognoscentes, que estejam situados em uma posição de intercâmbio cognoscitivo. Segundo isto, se pressupõe a experiência de outros indivíduos. A esta peculiar experiência, Husserl, seguindo os trabalhos de Theodor Lipps, a chamava “*empatia*” (*Einfühlung*); sem embargo, não tinha precisado em que consistia. Isto era uma lacuna que havia de ser preenchida: eu queria investigar o que era a *empatia*.³⁰

Stein salienta que ela queria preencher uma lacuna, que era investigar o que significava *empatia*. A pesquisa de Stein traz à tona questões cruciais sobre a vivência humana, as relações com o/a Outro/a e a apreensão de realidades, numa abordagem fenomenológica³¹ e de contextualização histórica. A integração entre a tradição

²⁷ CARVALHO, Andréa Freire de; NASCIMENTO, Yasmim de Farias; SOARES, Maria José Nascimento. O método fenomenológico de Edmund Husserl. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. 20 a 22 de setembro de 2012. São Cristóvão/SE. Segundo as autoras, a primeira referência à palavra fenomenologia realizou-se pelo filósofo, astrônomo, físico e matemático suíço alemão Johann Heinrich Lambert (1728-1777) ao pesquisar o tema das aparências, posteriormente em Hegel no texto *Fenomenologia do Espírito*. Ressurgiu no início do século XX, na Alemanha, pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl, que, em 1901, publicou *Logische Untersuchungen: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis* (Investigações Lógicas: Investigações sobre a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento) e lançou a fenomenologia como um novo movimento filosófico. Portanto, o método fenomenológico tem a sua origem com Husserl.

²⁸ STEIN, Edith. 11 de Outubro de 2018 20 anos de Canonização. p. 2.

²⁹ FERREIRA, 2018, p. 65.

³⁰ STEIN, 2012, p. 360 *apud* BAREA, Rudimar. *O tema da Empatia em Edith Stein*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/RS, 2015. p. 39

³¹ GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto — a fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000. Veja na página 25: “Fenomenologia, o nome denuncia tratar-se de uma “ciência do fenômeno”. Entretanto, como haveremos de compreender o sentido fenomenológico da palavra “fenômeno”? ‘Fenômeno’, do grego phainómenon, significa “aquilo que aparece”. A palavra deriva do verbo grego phainomenai: “eu apareço”. O que “aparece” é aquilo que se mostra à luz, o “brilhante” (phaino). Entretanto, apesar da palavra “fenômeno” designar o que aparece, ela é usada preferencialmente para designar o próprio aparecer, isto é, o fenômeno da consciência ou, usando o que Husserl considerava uma “expressão grosseiramente psicológica”, o fenômeno subjetivo. Em virtude deste uso ambíguo, a palavra “fenômeno” favorece a formação de equívocos, pois o próprio aparecer

metafísica clássica, o método fenomenológico³² e a antropologia filosófica são diferenciais nos trabalhos de Edith Stein. Seus escritos são impulsionados pela interconexão existente na tríade: filosofia, religião e ética. Afora isso, o fio condutor de sua argumentação textual explicita que: “A todo sujeito, no qual apreendo empaticamente uma captação de valor, considero-o como uma pessoa cujas vivências se associam em uma totalidade inteligível de sentido”.³³

Na visão da Obra de Stein, a *empatia* diz respeito a percepção sobre a consciência alheia em geral e suas próprias experiências, orientadas para o respeito ao/à Outro/a, no que tange a ipseidade e alteridade. Representa um tipo de intercâmbio cognoscitivo de corporeidades e intersubjetividades, mecanismos de tomada de consciência do/ Outro/ como semelhante, bem como de suas vivências interiores. À medida em que se reconhece a personalidade alheia é possível construir novas referências e proceder a autoconhecimento e autoavaliações contínuas.³⁴ Como afirma Stein, “Así tenemos, en la empatía~ un tipo sui géneris de actos experiencia/es.”³⁵

Desse ponto de vista, a função da *empatia* está na base dos sentimentos morais de compreensão do/a Outro/a e de solidariedade, de ser capaz de se colocar na posição do/a Outro/a e compartilhar suas experiências, necessidades e objetivos. Urge, portanto, atentar no desenvolvimento da capacidade empática para algumas dimensões da pessoalidade, tais como: corporeidade, psiquismo e, sobretudo, o espírito, uma vez que, em conjunto, fazem parte de toda e qualquer ação humana. Isto quer dizer, explicar e reduzir a distância entre o Eu e o/a Outro/a, entre consciência e mundo. Criar pontes de sentido, estabelecer vias de comunicação entre o Eu e o/a Outro/a, a consciência e a História.

Mariana Bar Kusano afirma que para Stein o ser humano necessita ser entendido em suas três dimensões “– corpo, alma e espírito, [...], porque há um entrelaçamento vital e necessário entre elas.”³⁶ Stein afirma, assim, que a *empatia* não é um mero *sentir com*. Também não é um sentimento único que ocorre a mais de um sujeito por algum motivo comum. Tampouco se limita a atos da vontade, imitação

torna-se objeto de investigação, ou seja, o próprio sujeito do conhecimento é investigado na sua estrutura de comportamento, em virtude da correlação essencial entre o seu aparecer e o que aparece. Trata-se, no caso, de uma relação interdependente entre o aparecer e o que aparece, entre o sujeito do conhecimento e o mundo conhecido, entre a consciência que conhece e o mundo ou objeto que aparece ou se mostra cognoscível. Nesse sentido, a palavra “fenômeno” é para a fenomenologia algo que compreende, simultaneamente, tanto o aparecer quanto aquilo que aparece: a relação indissociável entre o sujeito e o mundo, a consciência e seus objetos. A fenomenologia, portanto, ocupa-se do “fenômeno” em duplo sentido: na sua estrutura e no seu aspecto (aparência).”

³² FERREIRA, 2018, p. 38. “Para Edith Stein a fenomenologia era um método de ciência rigorosa que teria como princípio basilar o retorno as coisas mesmas (Zu den Sachen Selbst) e a busca das essências”.

³³ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 133. “A todo sujeto en el que apreendo empáticamente una captación de valor lo considero como una persona cuyas vivencias se asocian en una totalidad inteligible de sentido”. Tradução nossa.

³⁴ STEIN, 2004, p. 134.

³⁵ STEIN, 2004, p. 27.

³⁶ KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein – Entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014. p. 35.

fugaz, associação ou inferência por analogia. Kusano esclarece: “A empatia é diferente de vários outros atos que podem – por uma má interpretação – confundir-se com ela, como por exemplo: a memória, a expectativa, a fantasia e a simpatia.”³⁷

Dessa forma, a *empatia* se distingue de outros atos de consciência. Segundo Stein

Ora, a empatia, enquanto presentificação é uma vivência originária, uma realidade presente. Aquele que presentificar, porém, não é uma própria “impressão” passada ou futura, mas um modo vital, presente e originário de outro que não se encontra em uma relação contínua com o meu viver, e, não posso me confundir com isso, me porto para dentro do corpo percebido como se estivesse eu no seu centro vital e faço um impulso “quase” do mesmo tipo daquele que poderia causar um movimento – percebido quase do interno – que se poderia fazer coincidir com aquele percebido externamente.³⁸

Apesar de haver limitações na visão de mundo desde a consciência individual, é possível enriquecer as percepções por meio das visões do Eu alheio. Desse modo, o conceito de *empatia* pode revolucionar as relações humanas porque representa um ato originário daquele sujeito que executa, mas seu conteúdo (a vivência do/a Outro/a) e sua explicação não são em si mesmas originais. Se por um lado cada indivíduo é único, por outro lado, todos/as possuem características comuns, o que nos permite compartilhar sensações, pensamentos, sentimentos, ações e visões de mundo, enriquecendo a própria individualidade com a experiência empática da individualidade alheia. Assim, para que o ato empático exista, o sujeito precisa ser capaz, primeiro, de compreender os seus próprios estados emocionais para, posteriormente, compreender e simular em si, os estados mentais do/a Outro/a.

Reconhecer percepções, sensações, emoções e sentimentos do/a Outro/a está relacionada com habilidades de perceber e associar movimentos corporais, expressões faciais, tom de voz e outras expressões vocais - que se vê e ouve no/a Outro/a -, com as produções desses mesmos movimentos ou expressões em si mesmo. Pelo método fenomenológico Stein acredita, assim, que apreendendo a estrutura do indivíduo (corpo, alma e espírito) pode-se conhecer melhor a dinâmica da ação coletiva.

A conceituação de *empatia* acaba sendo, portanto, uma maneira de ser complexa, exigente e intensa, ainda que seja sutil e suave. Requer aprendizados múltiplos para que seu desenvolvimento aconteça e se aplica em várias ambiências comunitárias. Nesse sentido, Stein sinaliza para a estreita vinculação que há entre pessoa e comunidade, contemplada não apenas pela dimensão antropológica, mas também pela perspectiva espiritual³⁹, pois a pessoa plena transcende a si mesma e encontra nessa transcendência a sua realização última, ou seja, segundo Savian Filho,

³⁷ KUSANO, 2014, p. 91.

³⁸ STEIN, 2004, p. 200.

³⁹ STEIN, 2004, p. 135.

[...] pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa vivência dele é absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. [...] A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith).⁴⁰

Sob tal ponto de vista, a escrita biográfica e testemunhal é um espaço privilegiado na ampliação da capacidade empática⁴¹. Potencializa aproximações entre vivência e memória, desde o horizonte histórico do *si mesmo*. É por essa razão que a ideia da *empatia* em Stein exige a plena consciência e aceitação de si mesmo. Segundo a autora

[...] a empatia não tem o caráter de percepção externa, mas desde sempre tem algo em comum com ela, a saber: que para ela existe o objeto mesmo aqui e agora. Conhecemos a percepção externa como ato que se dá originariamente. Admitido que a empatia não é a percepção externa, com isso não está dito, todavia que lhe falte este caráter do “originário”⁴²

Isto significa tomar como fundamento a fenomenologia, a partir de três linhas de investigação: a consciência do/a Outro/a, do Mundo e do Eu. Segundo André Bejas

Localizado na fronteira entre filosofia e psicologia empírica, o estudo de Stein toma conta de toda a literatura relevante conhecida em seu tempo, mas em conjunto, utilizando-se, com genial perspicácia, o método fenomenológico derivado de seu mestre E. Husserl, obtendo resultados brilhantes e perspectivas originais, e abre novas perspectivas de estudo do tema da empatia.⁴³

Em relação à questão na esfera pedagógica, o trabalho educativo direcionado para estimular e fortalecer essa capacidade empática, definida por Stein, está, em nosso entendimento, na raiz para a superação aos indicadores de violência escolar. Sem vínculos empáticos sólidos não há como perceber e sentir o/a Outro/a, de forma respeitosa e numa perspectiva valorativa de ética e equidade. Somente, assim, o/a Outro/a deixará de ser apenas um mero instrumento em cenários de projeção,

⁴⁰ SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein* – Apresentações didáticas. Loyola. São Paulo, 2014. p. 38.

⁴¹ A escrita biográfica tem sido avaliada de diferentes maneiras, podendo ser destacado o uso de questionários, biografias, auto relatos, índices fisiológicos, índices somáticos e histórias ilustradas (fotos, imagens e vídeo gravação).

⁴² STEIN, Edith. *Escritos filosóficos: etapa fenomenológica*. Obras Completas, vol. II, 2005. p. 83.

⁴³ BEJAS, André. Introducción, traducción y notas. In: STEIN, Edith. *La pasión por la verdad*. Buenos Aires: Bonun, 2003. p.12.

submissão ou domínio e se tornará, de fato, protagonista social. Alguém com dignidade, qualidades e defeitos assim como um eu/nós, mas diferente de mim/nós.

3 Aprendizagem biográfica como ampliação da capacidade empática: perspectivas para atuação docente

Crianças e adolescentes estão inseridos em contextos escolares nos quais se realizam práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem. No entanto, nestes espaços também ações de ajuda, conforto, doação, solidariedade, partilha, cooperação, amizade, diálogo necessitam ser exercitadas, vivenciadas e oportunizadas. Desta forma, as crianças e os adolescentes terão melhores condições de pro-atividade, em termos sociais e também cognitivas, com ampliação das capacidades empáticas. Nessa perspectiva, é necessário que haja o reconhecimento do trabalho pedagógico que estimule tal capacidade, a partir, por exemplo, de exercícios de biorreflexividade narrativa⁴⁴.

Segundo Sandra Vidal Nogueira, este conceito “está situado no referente epistemológico da lógica sensível, a partir da experiências das escritas de si.”⁴⁵ Ou seja, o objetivo é potencializar movimentos de ressignificação da própria vivência (pessoal e comunitária), a partir da experiência, baseadas nas narrativas de histórias de vida e na memória coletiva⁴⁶, desenvolvendo a empatia. De acordo Maria da Conceição Botelho Sgadari Passeggi

Se as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso, propomo-nos a começar pela etimologia do termo *experiência*, que evoca sua natureza cambiante e sua estreita relação com a formação humana.

O termo *experiência*, como se sabe, deriva do latim *experientia/ae* e remete à ‘*prova, ensaio, tentativa*’, o que implica da parte do sujeito a capacidade de entendimento, julgamento, avaliação do que acontece e do que lhe acontece⁴⁷

Neste sentido que Catarina Doutor e Natália Alves apontam para a importância das narrativas biográficas/histórias de vida, pois as mesmas “são fundamentais para compreendermos as aprendizagens dos indivíduos, revelando como as experiências

⁴⁴ O conceito *bioreflexividade narrativa* é discutido por NOGUEIRA, Sandra Vidal. Bioreflexividade narrativa. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário crítico de Gênero*. Prefácio [de] Michelle Perrot. 2. ed. Dourados: Universidade Federal de Grande Dourados, 2019. p. 80-83. “O termo grego *bio* como prefixo — biografização, biocognitivo, bioético, biopolítico — representa um referente linguístico da construção de novos espaços conceituais para o trabalho com o inédito dos problemas vitais.” (p.81)

⁴⁵ NOGUEIRA, 2019, p. 89.

⁴⁶ Veja tese de doutorado de ULRICH, Claudete Beise. *Recuperando histórias de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006.

⁴⁷ PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. p. 148.

passadas afetam o presente, mas também o futuro.”⁴⁸ Marie Christine-Josso no livro *Caminhar para si* faz referências a Paulo Freire, apontando para importância da conscientização

Paulo Freire, enfatizando a dimensão de uma conscientização da educação (mesmo se em sua ótica se tratava de uma conscientização social e política), apontou uma ideia que nunca mais deixei de trabalhar, a saber, que, para o sujeito aprendente, a formação se situa em primeiro lugar no nível consciencial e, em segundo lugar, no plano da aquisição de conhecimentos e de competência.⁴⁹

O processo de conscientização passa pelas narrativas autobiográficas, histórias de vida, memórias concebidas como formas de aprendizagem biográfica, caracterizando-se também em narrativas históricas e culturais das comunidades num dado contexto geopolítico, revelando construções discursivas sobre modos de dizer de si e do/a Outro/a. Margaréte May Berkenbrock-Rosito realizou uma entrevista com Josso, em 2009, no qual a autora afirmou

Caminhar para si, título dado à publicação da minha tese de doutorado (O sujeito em formação) continua a ser a palavra-chave da minha vida espiritual, existencial e intelectual. Esta frase é um verdadeiro pilar para mim, porque me permite (re)questionar regularmente o rumo da minha vida e se continuo a... navegar; mas “não sou eu quem me navega quem me navega é o mar”, como canta o português, João Afonso.⁵⁰

O *Caminhar para si* é colocado pela autora como um pilar e sustentáculo nas diferentes dimensões da vida espiritual, existencial e intelectual, assim como Edith Stein aponta para a necessidade de entender o ser humano em suas diversas dimensões. Portanto, existem interconexões entre a empatia e a aprendizagem biográfica.⁵¹

A aprendizagem biográfica está baseada na possibilidade de reunir fatos, descrever situações e acontecimentos, através da escrita ou da oralidade, adotando uma mirada reflexiva sobre legados geracionais, promovendo novos conhecimentos sobre Si, o/ Outro/a e o cotidiano. Estão situados num referente pedagógico denominado de “lógica do sensível”, pautados em movimentos socioeducativos das

⁴⁸ DOUTOR, Catarina; ALVES, Natália. Formação experiencial e aprendizagem biográfica: refletir para atribuir sentidos às experiências? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e241700, p. 1-17, 2022. p 7.

⁴⁹ JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 213.

⁵⁰ JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Entrevista publicada na *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v.2, n.2, p.136 – 199, ago./dez. 2009. Programa de Mestrado em Educação da Universidade de São Paulo.

⁵¹ PASSEGGI, 2011, p. 148. A autora afirma que “no Brasil as pesquisas educacionais com fontes autobiográficas têm se voltado mais para as questões identitárias, notadamente, na formação docente. Ainda são raras aquelas que investigam a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida.”

“Histórias de vida em formação”, que estimulam escutas abertas e polifônicas.⁵² A finalidade é contribuir para uma visão mais alargada dos preceitos democráticos, cujas marcas de desenraizamento têm sido crescentes em nosso cotidiano.

A partir da reconstrução das próprias paisagens (sejam elas afetivas, físicas ou psíquicas) de experiências do sensível em dinâmicas pedagógicas, estudantes e professores podem, por um lado, escutar melhor o seu entorno, o seu lugar e a si mesmo e, por outro lado, institui a possibilidade de outras e novas formas para pensar o mundo e suas relações de ensino e aprendizagem. Para Strauss, *apud* Besse

A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, ‘selvagem’, numa primitividade que precede toda instituição e toda significação.⁵³

Como refletimos, um dos princípios fundadores das escritas de si como prática de formação é a noção de *experiência*. A noção de consciência histórica adquire também centralidade nos relatos sobre as experiências de vida⁵⁴, pois permite à pessoa que narra compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si como sujeito histórico, desenvolvendo relações empáticas, na sua relação de abertura ao/à Outro/a. Para Passeggi, assim como para Josso, a cada nova versão da história, ocorre

[...] a ressignificação da experiência vivida (...), implicaria encontrar na reflexão biográfica marcas da historicidade do eu para ir além da imediatez do nosso tempo e compreender o mundo, ao nos compreender: *Por que penso desse modo sobre mim mesmo e sobre a vida?*⁵⁵

Ao narrar a própria história, o que se busca é dar significado às vivências e, nesse percurso, outra representação de si mesmo acaba sendo elaborada, ou seja, reinventa-

⁵² PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006. p. 331. A denominação usada: movimento socioeducativo das *Histórias de vida em formação* foi iniciado nos anos 1980. O primeiro círculo de pioneiros constituiu-se com Pierre Dominicé e Marie-Christine Josso, da Universidade de Genebra; Guy de Villers, da Universidade Nova de Louvain; Bernadette Courtois e Guy Bonvalot, da Associação de Formação Profissional de Adultos (AFPA) da França; e Gaston Pineau, da Universidade de Montreal. António Nóvoa da Universidade de Lisboa também estava lá, assim como Matthias Finger. Em 1988, estes publicaram O método (auto)biográfico e a formação.

⁵³ STRAUSS, *apud* BESSE, Jean Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.80.

⁵⁴ PASSEGGI, 2011, p. 149. “Wilhelm Dilthey (1833-1911) usou a *autobiografia* como modelo hermenêutico o qual exigiu que a experiência fosse entendida a partir de si própria e não de critérios que lhes são estranhos. Nessa perspectiva, ele reconceitualiza a noção de vivência – *Erlebnis* – para desenvolver sua proposta de consciência histórica, pois segundo Ele, a reflexividade é imanente à vida; ela está lá, antes de qualquer objetivação científica, racional.”

⁵⁵ PASSEGGI, 2011, p. 149.

se⁵⁶, pessoal e coletivamente. Isso acontece mediante o ato de dizer, de narrar e reinterpretar. De acordo com Delory-Momberger,

A 'história de vida' não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é, à emergência desse sujeito, que intenta sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização.⁵⁷

Decorre daí, a constatação da relação dialética entre reinvenção de si e ressignificação da experiência, bem como sua importância na trajetória de vida de cada um e, ainda, as contribuições ao desenvolvimento da capacidade empática, no encontro com o/a Outro/a. A história pessoal sempre está ligada com a história coletiva, da comunidade, da escola, da família, entre outros aspectos.

Considerações finais

O estilo de vida nas metrópoles, utilitário, materialista e consumista se constitui em modelo para a maioria da população, causando um profundo distanciamento do/a Outro/a, assim como uma concorrência com este Outro/esta Outra. Isto acontece, segundo Michel Serres, à medida em que se *"ignora como foi esculpida a paisagem."*⁵⁸ Neste cenário de perda das referências identitárias, a violência avança a passos largos e causa danos (ferimentos graves, traumas e mortes, dentre outros sintomas), muitas vezes irreversíveis para crianças e jovens, independentemente de localidade, faixa etária, etnia, gênero e condição social.

Quando ocorre nos espaços escolares, os eventos violentos acarretam prejuízos de toda ordem ao desenvolvimento pleno da pessoa, tanto nos que sofrem as agressões, quanto nos que as praticam. É, pois, uma questão social e de saúde pública, relacionada com a violação de direitos e a diminuição da qualidade de vida. Há de se ter consciência, assim, que as paisagens construídas, sejam elas na vida pública mais ampla, ou mesmo na família e no ambiente escolar, não são meras percepções ou situações episódicas. Elas criam raízes de sentido, visto que conhecer e se relacionar é sempre um ato empático, alimentado por posturas de reconhecer e se apropriar de tudo aquilo que é gerado, sob a forma de imaginação, sacralidade e diversidade.

A escola é um espaço privilegiado para a construção de conhecimentos, relações sociais, sonhos e desejos, além de ambiência adequada para a produção e reprodução de variados tipos de comportamentos, dentre eles, inclusive, a violência. Além disso, há de se atentar para o fato de que os contextos sociodemográfico e familiar exercem forte influência no fenômeno da violência. Nessa perspectiva, a violência escolar deva ser percebida como um construto. Neste

⁵⁶ PASSEGGI, 2011, nota de rodapé 10. O preceito de Delfos recomenda, *conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo.*

⁵⁷ DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto.* Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 66.

⁵⁸ SERRES, Michel. *Hominescências: O começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 82.

sentido, é necessário o agir preventivo e proativo, a partir abordagens que considerem as narrativas biográficas, desenvolvendo ações e atitudes empáticas à vida e ao contexto de todo corpo escolar, que inclui professores/as, gestão escolar, estudantes, famílias em sua diversidade. A construção de canais de escuta sensível, construindo a aprendizagem biográfica, nos ambientes escolares, potencializa canais de diálogo, participação e pertencimento social. O/a outro

A gestão escolar e o/a profissional docente, quando atua na direção de uma aprendizagem biográfica, se aproxima de sua real função socializadora, ou seja, de busca pela efetivação das diretrizes constitucionais e de um verdadeiro tratado pela cultura da paz. Isto quer dizer que a ênfase educativa no engajamento de estudantes e suas comunidades em atitudes, condutas e comportamentos que visam o bem-estar de outra pessoa e não somente do próprio sujeito que as executa, requer desenvolver, conjuntamente, solidariedade e autoconsciência, que são as bases fundantes da conceituação de *empatia*. No desenvolvimento e construção do ser humano empático, a aprendizagem biográfica torna-se um importante recurso pedagógico para falar de si, escrever de si, relatar de si e no processo de ser escutado também desenvolver uma relação mútua empática na escuta da fala, na leitura da escrita do/a Outro/a, construindo, desta forma, processos de conscientização no respeito às diferenças, que não significam desigualdades e sim pluralidades e diversidades na forma da pessoa ser e estar no mundo.

Referências

ALONSO, Aristides. Os neurônios espelho e a mente espelho na nova psicanálise. *Tranz – revista de estudos transitivos do contemporâneo*. edição 2 dezembro 2007, p.1-38. Disponível em: https://www.tranz.org.br/pdf_2/aristides_neuronios_v2.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

BAREA, Rudimar. *O tema da Empatia em Edith Stein*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria/RS, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9149/BAREA%2C%20RUDIMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos* Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEJAS, André. Introducción, traducción y notas. In: STEIN, Edith. *La pasión por la verdad*. Buenos Aires: Bonun, 2003.

BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BESSE, Jean Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DE WAAL, Frans. *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. Rejane Rubino (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DO VALE, Pâmella Rwany Batista Ribeiro. *Condições de possibilidades de uma educação empática a partir de Edith Stein: uma experiência com crianças do ensino fundamental I*. Trabalho de Conclusão em Filosofia. São João Del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 2019. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cofil/Monografia%20Pamela.pdf>. Acesso em: 17 maio de 2024.

DOUTOR, Catarina; ALVES, Natália. Formação experiencial e aprendizagem biográfica: refletir para atribuir sentidos às experiências? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e241700, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/204529/188128>. Acesso em: 13 maio 2024.

FERREIRA, Danilo Souza. *Empatia: uma História intelectual de Edith Stein 1891-1942*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. Dissertação de Mestrado, 2018. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10641/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EmpatiaHist%C3%B3riaIntelectual.pdf. Acesso em: 17 maio de 2024.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto — a fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://unilago.com.br/download/arquivos/30194/fenomenologia.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

GUIMARÃES, Gilberto de Araujo. *Empatia e intersubjetividade: um contraponto conceitual entre psicanálise e Fenomenologia*. São Paulo: Faculdade de São Bento. Dissertação de Mestrado, 2014.pdf.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Entrevista publicada na Revista *@mbienteeducação*, São Paulo, v.2, n.2, p.136 – 199, ago./dez. 2009. Programa de Mestrado em Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf. Acesso em: 10 maio 2024.

KRUG, Etienne G; DAHLBERG, Linda L.; MERCY, James A., ZWI, Anthony B.; LOZANO, Rafael. *World report on violence and health*: Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível em: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 maio 2024.

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein – Entre Deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

MARTINS, Antonio C. C.; FIGUEIREDO, Maria Antonia.P. C. (org.) Papa João Paulo II- Primeira Homília- Festa da Beatificação, 1 de maio de 1987, in Em nome de Deus,

em nome da Igreja, em nome da Humanidade, textos extraídos do *Jornal L'Osservatore Romano*, Bauru, Coleção Essência, EDUSC, 1998.

NOGUEIRA, Sandra Vidal. Bioreflexividade narrativa. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário crítico de Gênero*. Prefácio [de] Michelle Perrot. 2. ed. Dourados: Universidade Federal de Grande Dourados, 2019.

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY. Disponível em: http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=pathos&searchmode=none. Acesso em: 17 maio 2024.

PANIKKAR, Raimon. *Myth, faith and hermeneutics – Cross-cultural studies*. New York: Paulist Press, 1979.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso em: 15 maio 2024.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhxw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2024.

SANTOS, Boaventura Souza. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: SANTOS, Boaventura Souza (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). *Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein – Apresentações didáticas*. Loyola. São Paulo, 2014.

SERRES, Michel. *Hominescências: O começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, Luis Carlos Carvalho. *A empatia e o diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein*. Juiz de Fora.: UFJF, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Dissertação de Mestrado. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1405/1/luiscarloscarvalhoasilva.pdf>. Acesso em: 15 maio de 2024.

STEIN, Edith. 11 de outubro de 2018 20 anos de Canonização. Disponível em: <https://carmeloaveiro.carmelitas.pt/wp-content/uploads/2018/10/11-de-Outubro-de-2018-Edith-Stein.pdf>. Acesso em: 17 maio 2024.

STEIN, Edith. *Escritos filosóficos: etapa fenomenológica*. Obras Completas, vol. II, 2005.

STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 137. “A todo sujeto en el que aprehendo empáticamente una captación de valor lo considero como una persona cuyas vivencias se asocian en una totalidad inteligible de



sentido”. Tradução nossa. Disponível em:
<https://www.conectorium.com/content/files/2022/07/Edith-Stein---Sobre-el-Problema-de-la-Empati-a.pdf>. Acesso em: 17 maio 2024.

ULRICH, Claudete Beise. *Recuperando histórias de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana*. Tese de doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006.

ULRICH, Claudete Beise; ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação*. *Reflexus - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, Espírito Santo, n.21, p. 37-64, 2019. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/981>. Acesso em: 17 maio 2024.